

Jornal da

SPPA

ANO 13 • DEZEMBRO 2014 • Nº 26

PORTO ALEGRE • RS • BRASIL

SOCIEDADE
PSICANALÍTICA
DE PORTO ALEGRE



FUNDADA EM 1963

Filiada à International Psychoanalytical Association



Guerra e Paz, de Cândido Portinari, pintando entre 1952 e 1956

GUERRA & PAZ

CONVIDADOS ESPECIAIS

César Brito **P. 10**

Maurício Marx e Silva **P. 11**

Ruggero Levy **P. 05**

DUAS PERSPECTIVAS

Alfredo Veiga-Neto
e Raul Hartke

PÁGINA CENTRAL

SOCIEDADE
PSICANALÍTICA
DE PORTO ALEGRE



FUNDADA EM 1963

Filiada à International Psychoanalytical Association

SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE (SPPA)

Rua Gen. Andrade Neves, 14/802
Porto Alegre/RS - 90010-210
(51) 3224-3340

www.sppa.org.br | comunicacao@sppa.org.br

PRESIDENTE

Anette Blaya Luz

DIRETORA ADMINISTRATIVA

Regina Pereira Klarmann

DIRETOR FINANCEIRO

Emílio Salle

DIRETORA CIENTÍFICA

Maria Elisabeth Cimenti

DIRETOR DE PUBLICAÇÕES

Ivan Sérgio Cunha Fetter

DIRETORA DE DIVULGAÇÃO

Maria Cristina Garcia Vasconcellos

DIRETORA DO NÚCLEO DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

Maria Lucrecia Zavaschi

DIRETORA DO INSTITUTO

Viviane Sprinz Mondrzak

COMISSÃO EDITORIAL

Paulo Berél Sukiennik (Coordenador)

Eneida Maria Fleck Suarez

Eliane Goldstein

Maria da Graça Motta

Nyvia Oliveira Sousa

JORNAL DA SPPA

Tiragem: 3.000 exemplares

Fotos utilizadas: Arquivo/SPPA

EDIÇÃO E REDAÇÃO

Ana Klein (DRT/RS 8741)

Vera Nunes (DRT/RS 6198)

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

Clemente Design

Palavra da Presidente



Anette Blaya Luz*

Guerra e Paz

“Milhões de pessoas praticaram, umas contra as outras, uma quantidade tão inumerável de crimes, embustes, traições, roubos, fraudes, falsificações de dinheiro, pilhagens, incêndios e assassinatos, como não se encontra nos autos de todos os tribunais do mundo em séculos inteiros [...]. O que produziu tal acontecimento extraordinário?”

Estamos falando do Brasil da época atual? Do mensalão? Ou quem sabe da operação Lava Jato da Petrobras? Parece que sim. Mas não é, embora pudesse ser. Trata-se de um trecho do livro Guerra e Paz.

“Empenhado em entender o que teria produzido tantos ataques entre os homens, buscando a verdade através dos fatos históricos e argumentando com os historiadores de sua época que, no seu entender, resumiam os acontecimentos nas ações de algumas figuras poderosas, Liev Nikoláievitch Tolstói (1828-1910) escreveu um dos maiores romances da literatura mundial: *Guerra e paz* descreve a campanha de Napoleão Bonaparte na Rússia e estende-se até o ano de 1820.”

O curioso da reduzida sinopse acima transcrita é que parece mesmo estar se referindo ao Brasil de hoje, assim como poderia ser uma referência a muitos outros países na atualidade. A usurpação do homem pelo homem é atemporal e parece que assim permanecerá.

Por quê? Porque o “*homem é o lobo do homem*”, escreveu Thomas Hobbes no século XVII, embora a frase seja atribuída a Plauto, “*Lupus est homo homini non homo*” (254-184), em sua obra *Asinaria*. Triste e assustador pensar que mesmo nos áureos tempos da história da humanidade o homem sofreu diferentes formas de guerras e de abuso contra sua própria espécie. O genocídio não ocorre entre os animais; ele é específico dos humanos, pois só é cometido se estiver apoiado num discurso. E esse discurso é sempre um absurdo que busca justificar o absurdo injustificado da guerra.

Freud e Einstein em 1932 já se perguntavam “Por que a Guerra?” A pergunta de Einstein a Freud: *Existe alguma forma de livrar a humanidade da ameaça de guerra?* E ainda *“É possível controlar a evolução da mente do homem, de modo a torná-lo à prova das psicoses do ódio e da destrutividade?”*

Mais pessimista do que Einstein, Freud não acreditava ser possível eliminar as inclinações agressivas dos homens. Afirma que, mesmo tendo todas as suas necessidades materiais satisfeitas, os homens não conseguiriam fazer desaparecer sua agressividade inata. Diz textualmente em sua resposta a Einstein: “... Não há maneira de eliminar totalmente os impulsos agressivos do homem; pode-se tentar desviá-los num grau tal que não necessitem encontrar expressão na guerra.”

Para Freud a questão principal era trazer à tona a importante relação entre cultura e as manifestações das pulsões destrutivas. Serge Cottet resume bem essa ideia com a seguinte frase: “O mal-estar da cultura é reduzível, de fato, ao mal-estar do desejo”.

Cabe a nós, psicanalistas, compreender e contribuir para o equilíbrio dessas duas ordens de forças: o desejo individual e o civilizatório. Talvez uma ilusão eternamente buscada.

* Presidente da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

Quem somos, e do que não abrimos mão

A Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, com mais de 50 anos de atividade ininterrupta, procura manter um padrão de qualidade e aperfeiçoamento profissional através de uma formação longa e exigente. Isso, muitas vezes, vai contra a corrente cultural atual de busca de respostas rápidas, mas com alívios superficiais e fugazes. Sabemos que o ser humano, para se desenvolver emocionalmente, necessita de longos anos de cuidados básicos, da parte de pais, familiares, professores e outros cuidadores, até atingir uma maturidade na qual o pensamento verbal, ou seja, a capacidade de pensar, permita lidar com conflitos – internos e externos – da maneira mais plena possível.

Para receber o título de psicanalista na nossa sociedade, o candidato passa por vários estágios que também podemos chamar de “cuidados básicos”, os quais englobam uma análise pessoal com quatro sessões semanais, anos de seminários teóricos e clínicos, além de um período de trabalho analítico supervisionado. Apesar dessa grande exigência, o grau de satisfação dos candidatos que terminam a formação é muito alto, o que nos dá uma quase certeza de estarmos no caminho certo, mantendo a formação standard iniciada por Freud, mas aberta às novas mentes criativas com seus acréscimos teóricos e técnicos. Nesse sentido, a psicanálise mostra-se uma ciência viva e atual, tanto como método de tratamento dos sofrimentos psíquicos, como instrumento para o entendimento das diversas formas de manifestações artísticas e culturais.

Uma das funções do nosso Jornal, além de divulgar as várias áreas de ação da SPPA, é a de levantar questões atuais relevantes, convidando pessoas de destaque nas áreas culturais para dialogar com os “psicanalistas da casa” e promover um importante intercâmbio de conhecimentos.

Para este número, o eixo temático proposto foi “Guerra e Paz”, trazendo questões desafiantes em um mundo cada vez mais conflitado. O tema é introduzido nas palavras da presidente da

Uma das funções do nosso Jornal, além de divulgar as várias áreas de ação da SPPA, é a de levantar questões atuais relevantes.

SPPA – Anette Blaya Luz – e se amplia nos artigos de fundo com os nossos dois convidados: o professor Alfredo Veiga-Neto e o psicanalista Raul Hartke, os quais, com talento e profundidade, fazem um contraponto importante entre um ponto de vista sociológico, da guerra – sempre presente nas relações sociais – cujo objetivo atual visa não à conquista de territórios, mas a moldar as mentes e as subjetividades (guerras culturais e guerras racistas), e um ponto de vista psicanalítico, da guerra decorrente das feridas resultantes do desamparo original do ser humano que não foram devidamente atendidas, tanto no registro narcísico, como no registro edípico.

Além disso, serão abordados outros temas de interesse. O colega César Brito nos brinda com um belo texto sobre a obra do pintor Iberê Camargo, com seus metafóricos carretéis, cujo impacto estético enriquece a mente do psicanalista. E o também psicanalista Maurício Marx e Silva aborda, através de uma história de vida impactante, questões importantes sobre as sequelas psíquicas decorrentes de situações traumáticas.

Hoje a SPPA mantém um prestígio internacional, que muito nos orgulha, com uma contribuição através de publicações, participação em eventos científicos e culturais, levando, cada vez mais, a psicanálise ao encontro da comunidade.

**Psicanalista, membro efetivo e didata da SPPA*



Ivan Sérgio Cunha Fetter*



VISITA DO PRESIDENTE E DO SECRETÁRIO DA IPA À SPPA EM AGOSTO DE 1984

Da esquerda para direita (ao fundo): Romualdo Romanowski, José Maria Santiago Wagner, Roberto Pinto Ribeiro, Sergio Paulo Annes

Da esquerda para direita (frente): Germano Vollmer Filho, Isaac Pechansky Adam Limentani (presidente da IPA) Moses Laufer (secretário da IPA)

Feira do Livro e intercâmbio com o exterior marcam 2014

A notícia destaque neste semestre é o tradicional e consagrado Ciclo da Revista de Psicanálise da SPPA, em sua 17ª edição, ocorrido nesta 60ª Feira do Livro de Porto Alegre nos dias 8 e 9 de novembro, organizado por Magali Fischer, com apoio da equipe editorial.

O concorrido sarau Eu sou Lupicínio Rodrigues, coordenado por Eleonora Spinelli lotou a Tenda de Pasárgada inserida entre árvores e livros, no meio da Feira. Pessoas aglomeraram-se em torno da tenda para ouvir o professor Sérgio Gonzaga e Denise Bystronski contarem a história de Lupi, e para ouvir Denise Lahude cantar acompanhada pelo violonista João Vicente Macedo.

A mesa redonda sobre Os super heróis e a literatura, também prestigiada pelo público da Feira, foi coordenada por Paulo Berél Sukiennik e contou com a participação do cartunista Rafael Corrêa e da colega Liliana Soibelman.

“Nosso principal objetivo com este evento é promover a psicanálise na comunidade com atividades criativas e lúdicas através da música, da literatura e da arte”, avalia a editora da Revista de Psicanálise, Tula Bisol Brum.

Também temos a satisfação de anunciar que estamos começando a promover algumas divulgações e intercâmbios da produção científica publicada na nossa Revista com revistas de outros países como a França e Portugal.

Recentemente Geraldine Troian, que resenha trabalhos publicados em revistas de sociedades de outros países e publica na Revue Française de Psychanalyse, manifestou interesse e ofereceu-se para resenhar três trabalhos publicados na nossa Revista. Por votação, a comissão editorial selecionou os seguintes artigos: “Desamparo, contemporaneidade e a clínica atual: considerações” (Anette Blaya Luz), “O tempo da incerteza: elogio ao pudor - em defesa de um certo mistério necessário à simbolização” (Ruggero Levy) e “Violência na infância, trauma e vulnerabilidade à psicopatologia” (Sidnei Schestatsky).

A editoria também está em contato com o colega



português Rui Aragão Oliveira, vice-presidente da Sociedade Portuguesa de Psicanálise, indicado pela presidente Anette Blaya Luz, para intercambiar publicações.

Estas divulgações e trocas científicas são frutos do trabalho gestado ao longo tempo pelas diversas editorias, com o apoio das diretorias, tornando a Revista cada vez mais reconhecida e inserida no meio psicanalítico internacional.

Para 2015 estamos planejando a publicação de dois números temáticos: Casos de Freud Revisitados e Realidades e Ficções.

Para o primeiro número temático convidamos um colega da SPPA e outros colegas de sociedades de países diferentes para revisitem o Caso Dora, Pequeno Hans, Homem dos lobos e Homem dos ratos.

No segundo, pretendemos oportunizar a publicação e divulgação das participações dos colegas no Congresso da FEPAL, ocorrido em setembro deste ano em Buenos Aires.



Quer assinar a revista?

ASSINATURA ANUAL:
(3 números + versão digital): R\$ 130,00

NÚMEROS AVULSOS: R\$ 50,00

FORMAS DE PAGAMENTO

1. CHEQUE NOMINAL

Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

2. DEPÓSITO/TRANSFERÊNCIA

Santander - Banco: 033 - Agência: 1480 - Conta corrente: 13000656-2

SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE - CNPJ: 92.911.304/0001-29

Solicitamos o envio do comprovante de depósito por e-mail ou correio

CONSULTE ARTIGOS, REVISTAS, AUTORES NO SITE

<http://www.sppa.org.br/new/revista.php>

SPPA

Rua Gen. Andrade Neves, 14/802 - Centro Histórico - Porto Alegre, RS

90010-210 - revista@sppa.org.br / www.sppa.org.br

(51) 3228-7583 ou (51) 3224-3340

Abertura do Ano Científico da SPPA

No dia 12 de março de 2015, a SPPA irá receber o economista e ambientalista Sérgio Besserman Viana. O palestrante, que fará a abertura do Ano Científico, irá falar sobre o tema: A Sustentabilidade do Humano. Besserman é Professor do Departamento de Economia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e atual presidente da Câmara Técnica de Desenvolvimento Sustentável da Prefeitura/RJ, membro do Conselho Diretor da ONG WWF- Brasil, comentarista de sustentabilidade da Globo News e da cidade na Rádio CBN. Foi vencedor do Prêmio BNDES de Economia, onde concluiu a carreira executiva. Presidente do IBGE (1999-2003) e do Instituto Pereira Passos da cidade do Rio de Janeiro, trabalha no tema Mudanças Climáticas desde 1992.

Psicanalista-IPA

Início com o título Psicanalista-IPA para destacar a importância que a IPA tem em nossa prática como psicanalistas. Psicanalista-IPA é a marca registrada que a Febrapsi está registrando para diferenciar os psicanalistas formados em sociedades componentes da IPA daqueles formados em outras instituições. E por que esta ideia? Porque, sabidamente, as sociedades componentes da IPA seguem standards – que embora possamos criticar e propor modificações algumas vezes, o que é salutar – garantem alguma qualidade formativa. Este era um dos objetivos de Freud quando criou a IPA.

Nossa sociedade, desde seus pioneiros, sempre soube da importância da IPA e participou ativamente da nossa entidade mater. Além do mais, com a reforma administrativa realizada há alguns anos, a IPA democratizou-se significativamente. Sua Diretoria, o Board, passou a ser composta por 7 representantes de cada continente (Europa, América do Norte e América Latina) eleitos independentemente do Presidente que é escolhido juntamente com seu Vice-presidente. O Tesoureiro é votado pelos três continentes, de modo independente. Considerando que os membros do Board têm como função serem “links” (elementos de ligação) com as sociedades componentes, isso tem o potencial de aproximar sobremaneira as sociedades das decisões da IPA.

Há muitos temas relevantes sendo discutidos no Board: a revisão dos três modelos de formação analítica; o quarto eixo da formação

analítica, qual seja, a importância da Instituição na vida do psicanalista e como entender suas dinâmicas e cuidá-la; a desproporção entre o ingresso de candidatos a formação e o “envelhecimento” dos psicanalistas da IPA; a composição dos “sponsoring committees” (Comitês Responsáveis) pela formação de novos grupos; a criação de novos grupos psicanalíticos no mundo; enfim uma plethora de temas essenciais à transmissão e preservação da psicanálise. Posso garantir a vocês que a representação latino-americana e, particularmente brasileira, Altamirando Matos de Andrade (SBPRJ- Rio2) e eu, temos trabalhado muito para fazer presente a nossa voz nestes debates.

E agora ainda por cima teremos eleições! Elas são extremamente importantes, pois temos mais uma candidatura latino-americana à Presidência da IPA: Virginia Ungar (APdeBA) e nosso colega Sérgio Nick (SBPRJ) compõem a chapa para Presidência e Vice-presidência da IPA. A nossa mobilização é fundamental para apoiá-los. Além do mais é a oportunidade de renovar a representação brasileira, uma vez que eu e Altamirando estamos encerrando nossa atividade no Board, após 4 anos de trabalho. Os candidatos brasileiros são Claudio Rossi (SBPSP) e Sérgio Lewkowicz (SPPA) que merecem nosso total apoio.

Por tudo isso, vamos votar maciçamente!



Ruggiero Levy

**Psicanalista, Membro Efetivo e Analista Didata da SPPA - Representante Latino-americano no Board da IPA*

“Guerra ou Paz”, eis a questão!

Tendo como estímulo o eixo temático (“Guerra e Paz”) proposto pela equipe do Jornal, dois convidados especiais elaboraram – de forma criativa e com total liberdade – textos que abrem o pensamento para interessantes vértices sobre o eterno dilema do ser humano: sua oscilação entre “Guerra ou Paz”.

Foram ouvidos o Doutor em Educação, Alfredo Veiga-Neto que é Professor Titular do Departamento de Ensino e Currículo e Professor Convidado Efetivo do PPG-Educação, da Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É autor de vários livros na área da educação e relacionados com a obra de Michel Foucault.

Outro ponto de vista sobre o tema proposto é do médico e psicanalista, Raul Hartke. Membro efetivo e didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA), da qual foi presidente e diretor do Instituto, mantém uma atividade intensa na área de ensino e na participação em eventos científicos e publicações, tanto no âmbito nacional, como internacional.

Página Central



A partir destas duas visões, o Jornal da SPPA se propõe a trazer novos elementos para reflexões acerca das relações entre a sociedade, o poder e a guerra.

Confira os textos nas páginas seguintes >>



Alfredo Veiga-Neto

Guerras

A guerra é o motor das instituições e da ordem: a paz, na menor de suas engrenagens, faz surdamente a guerra. (Foucault, 1999, p. 59)

É dura e perturbadora a frase que usei como epígrafe a este pequeno texto. Ao se afastar da “hipótese Reich” — o poder como repressão —, Michel Foucault opta pela “hipótese Nietzsche” — o poder como luta — e toma as relações de poder como imanentes e fundantes da vida. Aí são claras as afinidades do filósofo francês em relação ao filósofo alemão. Vale lembrar o famoso fragmento nietzschiano: “onde encontrei vida, encontrei vontade de poder” (Nietzsche, 1998, p. 45). Na sua esteira, Foucault (2001, p. 239) afirma: “uma sociedade sem relações de poder não pode ser senão uma abstração”.

Isso não significa entender o poder como “coisa”, mas sim como o nome que damos ao diferencial das ações que uns exercem em relação às ações dos outros. Eis aí uma primeira inversão foucaultiana que será útil para, logo adiante, compreendermos as diferentes formas que as guerras vêm assumindo nos dias de hoje.

Dentre as muitas outras inversões que Foucault fez ao longo de sua extensa produção intelectual, uma que é particularmente interessante — e que deriva da anterior — foi aquela que resultou de seus entendimentos acerca das relações entre a sociedade, o poder e a guerra. No curso que ministrou no inverno de 1976, no Collège de France, assim se expressou o filósofo: “a política é a guerra continuada por outros meios” (Foucault, 1999, p. 55). Indo na contramão de Clausewitz — que dedicou todo um alentado livro para demonstrar que “a política é a fonte da guerra” e que “todas as guerras podem ser consideradas como atos de política” (Clausewitz, 1979, p. 92) — Foucault viu, no caráter sempre diferencial e agônico das relações de poder, o fundo sobre o qual se move a sociedade. Desse modo, as relações sociais são antes, primordialmente, de enfrentamento, de luta, de combate, de guerra, enfim.

Se, ao longo da Idade Média europeia, tais enfrentamentos espalhavam-se capilarmente pelo tecido social, com o fim das Guerras Cívicas e Religiosas do século XVI, o advento das lutas burguesas e a “invenção” dos Estados Modernos, a guerra é levada de dentro das fronteiras nacionais para fora de cada nação. Nasce, aí, a diferenciação entre revolução — interna ao Estado — e guerra — entre os Estados nacionais. Nasce, também aí, a diferenciação entre ação policial e ação militar, respectivamente, também, interna ao Estado e entre os Estados.

Nesse entendimento, a política — aí incluída a sua faceta externa ou extranacional, a diplomacia — é uma invenção derivada da guerra. Trata-se de uma invenção cada vez mais amplificada, transformada e aperfeiçoada, sobretudo ao longo da Modernidade. A ideia geral é simples e eficiente: quanto melhor funcionar tal invenção, mais afastado estará o risco iminente da guerra “de fato”. Vem daí o mito de que a política é uma “coisa” e a guerra é o oposto dessa “coisa”. Mas o que há entre ambas é uma relação de imanência de uma na ou sobre a outra: imanência da luta na política, bem como em tudo o mais. Nesse sentido, Foucault diz que “em toda parte se está em luta [...], e a cada instante se vai da rebelião à dominação, da dominação à rebelião, e é toda essa agitação perpétua que gostaria de fazer aparecer”. (Foucault, 2003, p. 232). É a luta que está no fundo, na base, no fundamento da política.

As considerações acima têm tudo a ver com o título deste texto. Seja para pensarmos a respeito de como a política é hoje praticada em nosso país ou mesmo entre todos os países, seja para pensarmos a respeito das diferentes formas que as guerras assumem na atualidade, o fato é que a janela episte-

mológica que Foucault nos oferece tem se mostrado assaz produtiva.

Aqui não é o caso de me estender sobre tais questões e nem eu me sinto com legitimidade teórica para tanto. Assim, vou me ater apenas a uma questão cujos desenvolvimentos e desdobramentos têm se revelado muito promissores e interessantes. Refiro-me às novas configurações que a guerra vem assumindo, mundo afora, nas últimas duas ou três décadas.

Numa engenhosa aproximação entre a perspectiva foucaultiana com a filosofia de Gilles Deleuze, um intelectual estado-unidense e seu colega italiano — respectivamente Michael Hardt e Antonio Negri — desenvolveram, no final da década de 1990, uma teoria a que chamaram de Império (Hardt, Negri, 2003; Negri, 2003). Naquilo que me interessa aqui comentar, Hardt e Negri nos fornecem elementos e argumentos sólidos para entendermos tanto as novas configurações da guerra quanto os papéis que ela desempenha. Assim, por exemplo, os conflitos internacionais apresentam um viés cada vez menos militar no sentido clássico, porém mais policial e de imposição das práticas culturais dos vencedores sobre os vencidos. E dado que as guerras contemporâneas parecem não buscar um vencedor final, talvez seja até melhor não falarmos em vencedores e vencidos, mas falarmos em “aqueles que estão vencendo” e “aqueles que estão sendo vencidos”.

Nas guerras tradicionais, a ordem invariavelmente surgia com o fim da guerra, por uma imposição dos vencedores sobre os vencidos. Nas palavras de Negri (2003, p. 188), “hoje, pelo contrário, a ordem não nasce do fim da guerra, mas através de uma promoção contínua de guerra. É por meio dessa ação permanente de guerra que se propõem e se aplicam as funções de disciplina e controle” dos que estão vencendo sobre os que estão sendo vencidos. É esse estado de coisas que garante a diminuição do risco representado pelos diferentes, os anormais, os outros, os delinquentes, os loucos etc.

E, nesse caso, o inimigo tem de ser inventado e, se preciso for, reinventado. Se ele for vencido, os vencedores têm de inventar outro(s) inimigo(s). No fundo e a rigor, os inimigos não são essas ou aquelas pessoas em si, mas a desordem que elas representam frente àquilo que os do outro lado consideram ser a ordem.

Não se trata tanto de fazer conquistas territoriais e, muitas vezes, nem mesmo de conquistas econômicas; mas se trata, mormente, de moldar as mentes, os espíritos, as almas, as subjetividades dos outros, dos inimigos. Se colocarmos as práticas religiosas, artísticas e sociais em geral sob o guarda-chuva da palavra cultura, estamos diante de guerras culturais. E se colocarmos sob a qualificação de racistas todas as práticas de xenofobia, machismo, etnocentrismo, intolerância à diferença etc., nos identificamos com Foucault, quando ele diz que a expressiva maioria das guerras do século XX — e eu me permito estendê-las para o século XXI — são guerras racistas. E, nesse caso, o sentido que se dá às guerras e a justificativa com que se pretende sustentá-las são mais da ordem da biologia e nem tanto da usurpação do território ou da submissão econômica.

Nesse ponto, chegamos à biopolítica, um conceito da maior importância para isso tudo. Mas aí a discussão se alarga demais, fica longa e complexa demais. Tendo me centrado numa mirada basicamente foucaultiana, meu objetivo foi dar alguns elementos para compreendermos por que vivemos num presente em que a guerra — mais policial do que militar — está em toda parte e se transformou num imperativo planetário sem fim. Confesso que me sinto tentado em abrir essas discussões para novas frentes, mas por enquanto fico por aqui mesmo.



Raul Hartke

Guerra, paz e evolução nos domínios do homo sapiens

O ser humano, conforme nos relembra André Green, é, em sua essência, apaixonado, agressivo e narcisista. Ele denomina tais características de “os verdadeiros ‘cacifes’ humanos”. É, além disso, de acordo com Wilfred Bion, inatamente curioso: deseja conhecer. E, portador dessas características intrínsecas, depende inicialmente, para sobreviver e se desenvolver, de adultos que o cuidem durante longos anos, devido sua singular prematuração ao nascer, como destaca Freud. Por isso, expõe-se a uma situação de desamparo que, para muitos psicanalistas, é constitutiva do sujeito humano. Um desamparo possibilitador do desenvolvimento psíquico e social, mas que também o expõe incontornavelmente a profundos, dolorosos e estruturantes conflitos, justamente por ser, ao mesmo tempo, dependente, apaixonado, agressivo (inclusive auto-destrutivo), narcisista e curioso. E os adultos que o cuidam não deixam de possuir uma essência idêntica.

Essas considerações iniciais e os caminhos que trilharei a seguir são bem conhecidos por todos os psicanalistas. Mesmo assim, julgo importante resumir-los porque os considero decisivos para a fundamentação do meu ponto de vista acerca do tema em foco.

A dependência original ocasiona pelo menos dois momentos ou, melhor, duas situações críticas nucleares.

A primeira relaciona-se à necessidade de reconhecer e elaborar internamente a existência independente do outro, isto é, sua alteridade. A superação desse registro narcísico, que nunca é total, constitui um passo imprescindível para que o desenvolvimento mental e social possa ocorrer, mas também gera angústias e mobiliza poderosas reações. “Sua Majestade, o Bebê”, como diz Freud, precisará aceitar que não é o centro do mundo.

Sob o domínio do narcisismo tudo o que é prazeroso e valorizado é vivenciado como próprio, mesmo quando provém do outro. O desprazeroso, por sua vez, inclusive quando próprio, é atribuído ao outro, conseqüentemente odiado.

A segunda situação nuclear – o registro edípico – é constituída pela exigência de aceitar e processar psiquicamente a constatação da diferença entre as gerações e os sexos. Em outras palavras, reconhecer que ninguém cria a si mesmo, que todos foram concebidos por pessoas de outra geração e que, para criar, é necessário ser completado por um outro. Nesse momento, cada um também sente como se apenas ele ou ela necessitasse admitir restrições e limites, custando-lhe reconhecer que, para a existência de uma vida civilizada, todos precisamos aceitar interditos. É justamente a elaboração interna – nunca também completa – dos conflitos e angústias dessa situação, que possibilita “Sua Majestade, o Bebê” tornar-se eventualmente um sujeito participante de uma família, de um grupo, de um casal, de uma cultura.

Quando predomina o narcisismo, o resultado nessa segunda encruzilhada é a anulação do mais frágil ou a eliminação daquele que detém o poder. Essa é a tragédia ocorrida no desfiladeiro de Pótnias, onde Édipo mata Laio. Nenhum deles aceitou tomar o terceiro caminho existente, já que se encontravam em um trívio. Em outras circunstâncias, menos narcísicas, o detentor do poder oportuniza um espaço para que os demais também tenham a possibilidade de crescer e inclusive vir a substituí-lo. E esses últimos têm mais condições para questionar os eventuais excessos narcísicos de seus anseios.

Cada um dos momentos cruciais referidos deixa dentro de nós, conforme sabemos, feridas mais ou menos profundas, para alguns até mesmo insuperáveis. Marcas na alma que, em maior ou menor grau, serão revividas e transpostas para as relações posteriores, pessoais, grupais, culturais e, inclusive, com a própria natureza que nos originou e nos sustenta.

Sabemos, além disso, que reunidos em grandes massas, os indivíduos submergem em uma mentalidade grupal primitiva, impulsiva, irritável, crédula, influenciável e sem juízo crítico, com sede de autoridade e não de verdade.

Frente a tudo isto, o conflito e a guerra (assim como a paz e o desenvolvimento) permanecem potencialmente sempre presentes e inclusive prováveis, se não inevitáveis. A história das pessoas, dos povos e da humanidade constantemente nos demonstra isto.

Mesmo no plano individual muitas vezes não é necessário algo extraordinário para provocar a ocorrência de explosões violentas, apressadamente chamadas de “animalescas” ou “selvagens”, desconsiderando que os animais agredem basicamente para se alimentar ou defender-se e que os povos ditos selvagens não são necessariamente mais destrutivos que os assim chamados civilizados. O filme “Relatos Selvagens”, do diretor argentino Damián Szifron, ilustra de forma dramática e provocativa reações desmedidas do homem comum, isto é, do nosso semelhante. O que se evidencia nessas ocasiões não é nossa animalidade ou selvageria, mas sim, o pior derivado da própria condição humana.

Na carta aberta enviada a Freud em 1932, questionando-o e se questionando acerca dos motivos das guerras e das possíveis formas de preveni-las, Einstein as atribui ao desejo de poder político e econômico bem como à tendência humana ao ódio e à destruição, que facilmente podem conduzir a uma psicose coletiva. Em sua resposta, Freud concorda com estas proposições, fundamentando-as e as ampliando à luz de sua teoria da pulsão de morte e destruição, sem excluir gratificações eróticas e inclusive motivos mais nobres. Freud sustenta isto ao mesmo tempo em que professa sua própria “intolerância constitucional” à guerra, seu pacifismo básico, que afirma constituir uma conseqüência inerente ao processo civilizatório.

Bion diz que o nascimento, a dependência, o acasalamento e a guerra são as situações fundamentais e os impulsos emocionais básicos do ser humano.

De modo semelhante, Pablo Picasso declarou, logo após concluir “Guernica”, que o nascimento, a gravidez, o sofrimento, o assassinato, o casal, a morte, a rebelião e, talvez, o beijo, constituem os temas essenciais que inspiram toda grande obra de arte, justamente por representarem questões cruciais para a raça humana.

A capacidade de amar, de pensar (fortalecendo a supremacia do intelecto e a construção de ideais), de criar comunidades que comunguem interesses básicos (e façam valer leis adequadas à maioria) assim como o medo real às conseqüências dos conflitos, são, segundo Freud, recursos que dispomos para contrabalançar nossas pulsões mais primitivas. Mas gostaria de enfatizar que eles não as eliminam. Apenas impõem e/ou favorecem derivações sublimatórias e reparatórias, assim como a ampliação da capacidade de continência. É preciso não esquecer – insisto – que o ser humano continuará sendo intrinsecamente apaixonado, agressivo, narcisista, curioso e portador de feridas resultantes do seu desamparo original, que lhe dificultam aceitar a inevitabilidade e o direito às diferenças. Diferenças que, por outro lado, constituem uma força essencial e imprescindível ao desenvolvimento da humanidade.

Guerra, paz, destruição e evolução são, assim, situações inerentes e características, sempre possíveis e prováveis nos domínios daquele que se autodenominou Sapiens. Isso, entretanto, não significa nem justifica não sustentarmos todos os esforços possíveis no sentido de buscar e manter a paz, assim como não lutarmos por ideais de liberdade e igualdade quanto aos direitos. A meu ver, alguma forma de utopia continua sendo fundamental para a preservação da civilização. “Tudo aquilo que promove o desenvolvimento da cultura – diz Freud ao final de sua carta a Einstein – trabalha também contra a guerra.”

Parceria SPPA/SMED estimula reflexões

Do ponto de vista da SMED, muito mais do que um curso com a SPPA, o formato da parceria entre as duas entidades, tornou-se uma Roda de Conversa na perspectiva de um encontro entre diferentes sujeitos – educadores, assessores pedagógicos e psicanalistas, com diferenças e semelhanças – procurando acostumar-se com a difícil tarefa de aprender a funcionar como grupo, ao mesmo tempo que conversar sobre aquilo que os toca, provoca e lhes instiga o pensar sobre o cotidiano da escola infantil, no contexto da sua comunidade e em busca de soluções para os problemas narrados. Nessa fase inicial aparecem relatos, por vezes truncados, imprecisos, permeados de perguntas, tensões, angústias e incertezas, e mesmo impasses delicados a serem transpostos.

O só fato de os educadores poderem transformar suas emoções, percepções e mesmo ideias coletadas durante o trabalho com as crianças, seus pais e colegas, através de relatos realizados no contexto grupal, constitui uma experiência de serem reconhecidos e, ao mesmo tempo, validados pelo grupo de compartilhamento. É neste setting que se produz subjetividade, através do modelo de trabalho dos psicanalistas, que oferecem intervenções colocando-se como continentes para angústias de desamparo e desvalia e, ao mesmo tempo, salientando a importância do trabalho que se tem pela frente: o de “recuperar e/ou ampliar” potenciais dados como perdidos.

Por outro lado nós, psicanalistas, consideramos importante levar em conta o fato de que esses encontros, inicialmente (ou aparentemente),

são dirigidos aos educadores em geral, sobretudo nos afetam, em meio à perplexidade que experimentamos frente a uma realidade trazida pelos mesmos, que nos é estranha, pouco conhecida e a respeito da qual também pouco sabemos em que dimensão nossa intervenção é capaz de (nos) transformar.

A potência da parceria resulta do entrelaçamento das várias “rodas de conversa” que sustentam essa proposta, que visa provocar os diferentes grupos envolvidos na promoção de vínculos criativos que garantam melhores condições de enfrentar as vicissitudes do caminho a ser trilhado, não só pelo grupo, mas com espaço para as singularidades de cada um.

JORNADA LATINO-AMERICANA

Dando seguimento ao trabalho de parceria SPPA/SMED, representantes de ambas as instituições escreveram o trabalho intitulado “rodas de conversa entre a educação e a psicanálise”, que foi aceito para ser apresentado na “I Jornada Latinoamericana de Educación y Subjetividad”, realizada durante o recente congresso da Fepal, nos dias 5 e 6 de setembro.

Ao final do congresso, os psicanalistas responsáveis por esse trabalho foram convidados a participar da reunião de diretoria da SPPA. Neste encontro foi reconhecida a importância do trabalho comunitário desta parceria, bem como a necessidade de se criar um órgão específico em nossa sociedade para desenvolver todas as atividades afins.

Infância e Adolescência

Emanuelle Chervet no NIA

A psicanalista Emanuelle Chervet da Sociedade Psicanalítica de Paris realizou conferência e supervisão coletiva com os membros do Núcleo de Psicanálise da Infância e Adolescência da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA) nos dias 6, 7 e 8 de agosto de 2014. Sublinhou a importância da função estruturante de um superego (“surmoi”) benevolente. Abordou a repressão no sentido organizador do eu e contrapôs esta idéia às interpretações muito propagadas de que a repressão é exclusivamente causadora de doença mental. A contribuição de Emanuelle Chervet para o trabalho dos psicanalistas de crianças e adolescentes foi fundamental neste momento em que há uma disseminação da crença de que “tudo pode” como ideal para a educação, desenvolvimento e até para posturas amplas na sociedade atual.

Em novembro de 2014, o Núcleo de Psicanálise da Infância e Adolescência realizou mais um de seus encontros sobre as pioneiras da psicanálise de crianças e adolescente. Desta vez, voltado para a América Latina. A pioneira foi Arminda Aberastury, autora do livro “Psicanálise da Criança: Teoria e Técnica”. Este livro introdutório de Arminda contribuiu para estabelecer alguns fundamentos do trabalho analítico com crianças por inúmeras gerações. O pensamento e prática desta pioneira na psicanálise infantil foi abordado pela psicanalista Marlene Araújo

O Núcleo de Psicanálise da Infância e Adolescência já tem seu XVII Simpósio e o III Encontro de Observação de Bebês – Método Ester Bick, programado. Ambos ocorrerão de 21 a 23 de maio de 2015. Os convidados são: Dra. Nilde Parada Franch e Dr. Víctor Guerra.

Centro de Atendimento Psicanalítico (CAP)

Viver de modo satisfatório e gratificante não é tarefa fácil. O ser humano tem que, constantemente, enfrentar obstáculos, suplantar desafios, e buscar soluções para problemas inerentes à própria vida, e não o faz sem algum sofrimento.

O Centro de Atendimento Psicanalítico (CAP), sensível às necessidades emocionais das pessoas, foi fundado em 1994 para oferecer tratamento psicanalítico, nos consultórios dos analistas, da SPPA, destinado a pessoas adultas, adolescentes e crianças da comunidade que não dispõem de recursos econômicos habituais para este tipo de atendimento.

O tratamento é realizado com frequência de três a quatro sessões semanais. Durante o período de avaliação, cada sessão terá o custo de R\$ 50,00, as demais serão combinadas diretamente com cada psicanalista.

Para informações e inscrições entrar em contato com a secretária Margareth, de segunda a sexta-feira, na Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

 (51) 3324-3340, a partir das 14h  instituto@sppa.org.br

SPPA amplia debates sobre temas culturais e do cotidiano

Ao longo deste segundo semestre de 2014, a SPPA teve uma intensa atividade científica e cultural da qual buscou-se a participação não somente de nossos membros, como também da comunidade em geral, através de uma ampla divulgação das mesmas, seja na mídia impressa, seja utilizando os meios virtuais.

Oferecer atividades abertas ao público tem sido nosso interesse, pois ampliar o conhecimento das ideias da psicanálise para além de nós mesmos e dos nossos consultórios é uma missão importante de nossa Sociedade e isto tem se dado em níveis diferentes. Por um lado, temos oferecido várias atividades científicas, com convidados de nossa Sociedade, do Brasil e mesmo internacionais, para as quais abrimos a participação de colegas que trabalham com Psicoterapia ou Psicanálise, de forma a oferecer meios de debate e conhecimento das novas ideias que têm sido discutidas e que vêm ampliando os conhecimentos em nossa área.

Ao mesmo tempo, através do Ciclo de Estudos, atividade em que, a cada semestre, colegas da SPPA oferecem grupos de estudos destinados a estudantes de Medicina e Psicologia, assim como a profissionais dessas áreas interessados no conhecimento da Psicanálise, oferecemos um estudo mais sistematizado de teorias psicanalíticas clássicas e atuais. Essa tem sido uma atividade bastante interessante, pois tem atraído jovens profissionais, e nos permite, através desse estudo, a divulgação das ideias da psicanálise, com uma ampla aprovação daqueles que tem participado desses grupos.

Outra forma de divulgação de nossas ideias é a participação em atividades da comunidade, debatendo temas que são de interesse cultural e social, oferecendo, com consistência, o olhar da psicanálise

sobre temas do cotidiano e da cultura. Já temos presença garantida debatendo peças de teatro no Porto Alegre em Cena, discutindo filmes no Cine Divã, ou em parceria com a OAB, e na literatura, através do Café Literário e na Feira do Livro. Da mesma forma temos sido convidados a dar nossa opinião em jornais e na televisão sobre situações que se apresentam na vida de nossa comunidade.

A Psicanálise, enquanto um vértice para compreender os fenômenos humanos constitui-se em um elemento que, quando usado de maneira consistente, permite uma ampliação da possibilidade de pensar o humano e seus fenômenos. Ao oferecermos à nossa comunidade a possibilidade de acessar essas ideias, estamos oferecendo uma ferramenta a mais para ser utilizada no lidar com os eventos da vida. Desta forma, pensamos poder contribuir para um mundo mais humanizado.



Atividades estimulam candidatos

Em julho de 2014 ocorreu a posse da nova diretoria da Associação dos Candidatos (AC) composta por Iara Wiehe (Presidente), Francisca Levy (Secretária) e Denise Steibel (Tesoureira). Na mesma ocasião, foi comemorado o lançamento dos Anais do VIII Simpósio Interno Integrado.

Ao longo do ano, a Associação de Candidatos participou da organização de eventos, como: "Oficina de escrita psicanalítica" ministrada por Juarez Guedes Cruz, com intuito de estimular o processo criativo e produção de trabalhos científicos dos candidatos em formação. Também ocorreu um pequeno brunch para temperar uma conversa dos candidatos com os psicanalistas franceses Sr. e Sra. Chervet para debaterem as diferenças e semelhanças na formação analítica entre os institutos franceses e brasileiros.

O Relato de Experiência do VCP (Visiting Candidate Program) foi apresentado pelas colegas Ana Luiza Wolf, Denise Steibel, Elena Tomasel e Karem Cainelli, que compartilharam suas experiências de intercâmbio em Institutos de outros países. Também ocorreu o I Encontro Clínico Integrado São Paulo ∞ Porto Alegre, via vide-

oconferência, com a apresentação de caso clínico pela candidata Francisca Levy (SPPA), com o comentário do psicanalista Leopoldo Nosek (SBPSP). E ainda a atividade "Conversa sobre experiência criativa" com a participação de Deborah Finocchiaro e Camila Bauer: atriz e a diretora, respectivamente, da peça GPS- GAZA.

QUINTA-FEIRA CIENTÍFICA

Para finalizar o ano, a "Quinta-feira Científica" contou com a apresentação de dois trabalhos de candidatos que foram apresentados no Congresso da Fepal, em Buenos Aires. Um deles, "Realidades e Ficções na Formação Analítica", foi escrito por Adriana Pires, Caetano Oliveira, Denise Steibel, Francisca Levy e Iara Wiehe. O outro, com o título "Arte e psicanálise: um encontro criativo", foi escrito por Adriana Ribas, Ana Luiza Wolf, Betina Teruchkin, Carlos Machado, Claudia De Carli, Cristina Saboya e Tiago Crestana. A construção destes trabalhos tem sido, nos últimos anos, um incentivo da AC para que os candidatos possam escrever sobre temas de congressos, nacionais e internacionais, o que vem se mostrando muito produtivo.



César Brito*

O Fio Invisível dos carretéis de Iberê Camargo

Há cem anos nascia Iberê Camargo, 18 de novembro de 1914. Saio do museu que leva seu nome feliz. Como de costume. Sou tocado pela intensidade de suas telas, formas e cores. Espessas camadas de tintas que se sobrepõem em contínua transformação até se materializarem na tela, no instante final. Misturas pastosas de cor que conservam em seu interior os vestígios dos cenários e emoções do caminho. As figuras partindo de sua força evocativa transformam-se em abstrações. As abstrações de tão sugestivas resgatam de dentro de nós, íntimas figurações. Essa urdidura é tecida com o fio invisível do mistério pelo alinhavo sutil do homem-pintor.

Saio por inteiro. Lembrando a forma e a textura dos antigos carretéis de costura que minha mãe e avó usavam para as cerzaduras domésticas. Saio com vontade de recuperar os carretéis de minha infância como quem reencontra velhos amigos esquecidos. Carretéis aguardados ansiosamente, no longo tempo de espera que se leva para terem cosidos os muitos calções e calças rasgados nas brincadeiras de então. Tempo de aprender a esperar, tempo de desejar, tempo de sonhar. Um carretel, um pedaço de vela, uma *borrachinha*, como à época chamávamos os atilhos, e uma haste de pirulito e lá estava uma imaginativa engenhoca. O carretel movia-se pelo chão com vida própria após darmos corda no atilho engenhosamente colocado no interior. Com pequenos talhos em suas bordas e o carretel se tornava insuperável em transpor obstáculos.

Sou psicanalista, alinhavo pedaços soltos de vida: sonhos, atos, emoções, que se transformam em movimentos psíquicos próprios. Gosto de ver a estes em movimento, auto-móveis. Tenho a mesma satisfação e curiosidade com as quais via meus carretéis de infância se moverem. Também em análise, com trabalho e entrega, auxiliamos aos que sofrem a elaborarem seus obstáculos.

Que invisível fio é esse que conecta “passado, presente e futuro”? O quê de Iberê me alinha às suas telas? A mim e a tantos outros. Este homem-pintor nos incita a olhar para mesma substância que anima a nós psicanalistas: compreender o móvel humano.

Leio sobre Iberê, assisto-o trabalhando em seu atelier¹ e o vejo com lucidez a falar sobre meu *métier*: o inconsciente, relações de objeto e sujeito. Ao descrever seu trabalho vejo-o descrevendo o fluxo atemporal do inconsciente: “No meu andarilhar de pintor, fixo a imagem que se me apresenta no agora e retorno às coisas que adormeceram na memória, que devem estar escondidas no pátio da infância (p.30)”². “As coisas estão enterradas no fundo do rio da vida. Na maturidade, no ocaso, elas se desprendem e sobem à tona, como bolhas de ar. Como se vê, a criação se faz com o agora e com o tempo que recua (ibidem)”³.

Assim é a sensibilidade do artista. E o que dizer dessa sensível

descrição de Iberê sobre as relações objetivas: as “lembranças plásticas e emocionais”: “tudo o que faço vem de meu pátio, o pátio é a verdadeira pátria de alguém. Quem não o tem, não tem história, está vazio. Foi através das lembranças plásticas e emocionais de meu pátio que minha pintura foi evoluindo e transformando-se (p.139)”³

Ah, o pátio de Iberê, o nosso pátio, o pátio da humanidade. E, ao falar da criação de imagens para expressar sentimentos, confirma sua visão de um mundo interno: “criação e duração na obra do artista são determinados pelo subconsciente (p.30)”¹

É um mundo interno presente-passado, inefável e efetivo, ainda que misterioso: “A memória pertence ao passado. É um registro. Sempre que a evocamos, se faz presente, mas permanece intocável, como um sonho (ibidem)”⁴. “É difícil, se não impossível, precisar quando as coisas começam dentro de nós (ibidem)”⁵.

Iberê magistralmente descreve a dinâmica do inconsciente: “Quando eu quero me ver livre, expressar tudo que tenho dentro de mim, lanço o quadro e aparece a imagem. Mas a imagem continua sendo um enigma outra vez. Pensamos que tudo apareceu revelado, e de fato revelou-se. Mas também não se revelou: está visível, mas continua o enigma. Eu apenas objetivei em forma o enigma que estava dentro (op.cit. p.32)”

Tal qual lidamos em nosso dia-a-dia com os analisandos, o artista nos fala da continuidade e limite da barreira inconsciente/consciência ao intuir as origens de sua criação e, ao mesmo tempo, não reconhecê-las na obra: “no ato criador, sou arrastado por impulsos que se desencadeiam como vendavais vindos não sei de onde. Vislumbro e persigo miragens interiores, que jamais consigo reconhecer na obra criada (p.76)”⁴

E como podemos aprender com ele! Refere-se a pintura e ao pintar como trabalhamos a transferência: “O momento é cheio de uma totalidade (p.32)”¹, pois “a verdadeira pintura não é uma narrativa de fatos, mas o próprio fato (p.136)”².

E os carretéis de Iberê, com inesgotáveis fios de humanidade, seguem a tecer.⁵

¹ Desartes. Iberê em processo. <http://www.desarte.org/ibere-em-processo/>. Recuperado em 19/11/2014.

² Camargo, Iberê (1993-4). *Gaveta dos guardados*. In: _____. *Gaveta dos guardados*. (Org.: Massi, Augusto. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

³ Camargo, Iberê. *O pátio é a verdadeira Pátria*. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 21 de fevereiro de 1965. Arq. Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS), Porto Alegre.

⁴ Camargo, Iberê (1974). *Os carretéis*. In: _____. *Gaveta dos guardados*. (Org.: Massi, Augusto. São Paulo: Cosac Naify, 2009

⁵ Camargo, Iberê (1985). *Um esboço autobiográfico*. In: _____. *Gaveta dos guardados*. (Org.: Massi, Augusto. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

*Membro Associado da SPPA

A evolução da perspectiva da criança no trauma

ATRAVÉS DA TRAGÉDIA DE ALICE MILLER

A complexidade humana, que parece ser infinita, frequentemente conflita com nosso anseio por explicações simples e absolutas. A natureza humana, com suas características de imaturidade prolongada e capacidade de compreensão ampliada em comparação com outros primatas, nos prega a peça de nos tornar mais dependentes e vulneráveis e, ao mesmo tempo, mais capazes de perceber essa dependência e vulnerabilidade. Tal situação nos coloca quase sem opção quanto à necessidade de utilizar defesas contra as angústias resultantes desse estado de coisas.

O anseio por onipotência e onisciência, como resistência contra o reconhecimento das limitações da condição humana, pode se expressar em fanatismos políticos ou religiosos, numa perspectiva social, ou na adesão a modelos unívocos, dentro da psicanálise, em oposição à pluralidade.

A valorização da participação dos objetos externos nos destinos do psiquismo ou da patologia individual parece ter sofrido polarizações em parte relacionadas a esse anseio por compreensões unívocas, opondo de um lado uma equiparação quase literal entre o mundo interno e o externo e de outro um quase solipsismo, onde o mundo externo desempenhava papel muito periférico em comparação com as projeções dos impulsos. Creio que hoje tendemos a um consenso de que existem situações dentro de toda essa gama, e que nos casos traumáticos os objetos externos têm papel preponderante, paralisando o processo de ressignificação, enquanto em outros as fantasias decorrentes das projeções são mais importantes.

Uma passagem marcante dentro da evolução dessas concepções foi protagonizada por Alice Miller na década de 80, especialmente a partir da publicação de "O Drama da Criança Bem Dotada". Sua ênfase radical sobre os efeitos traumáticos das diversas formas de abuso e exploração das crianças, tanto dentro da família quanto nas escolas, a levou a uma ruptura com as instituições psicanalíticas, ao mesmo tempo que a tornou internacionalmente célebre. Conceitos como o papel do terapeuta como "testemunha lúcida" diante desses abusos não puderam mais deixar de ser considerados.

Recentemente, 4 anos após a sua morte em 2010, foi publicado o livro de seu filho Martin Miller, psicoterapeuta, "O Verdadeiro Drama da Criança Bem Dotada – a tragédia de Alice Miller". Escrito originalmente em alemão e por enquanto somente traduzido para o francês (traduções para outras línguas não devem tardar), nesse relato autobiográfico pungente mas equilibrado, Martin lança mão, além de suas próprias recordações, de entrevistas com familiares de sua mãe e com o terapeuta Oliver Schubbe que atendeu Alice quando ela já contava 77 anos, e a quem ela liberou de manter o sigilo após a sua morte. Schubbe escreve um posfácio no livro.

Artigo



Maurício Marx e Silva*

No relato de Martin descobrimos que Alice Miller foi a segunda identidade forjada para escapar das perseguições antissemitas na Polônia (a primeira foi Alice Rostovska), e que ocultava a verdadeira identidade judia de Alicija Englard, com a qual ela foi bem sucedida em sobreviver e salvar a mãe e uma irmã, mas não o pai, da morte nos campos de concentração. Porém, não sem sequelas, pois foi chantageada e abusada por um oficial da Gestapo Polonesa antes de conseguir escapar.

Segundo nos conta Martin, Alicija já tinha grandes conflitos com sua família durante suas sofridas infância e adolescência no gueto de Piotrków, e as novas identidades não apenas lhe serviram para escapar às perseguições como também para apagar os rastros de suas origens e cultivar posteriormente uma biografia falsa, inclusive criando o filho como católico na Suíça. A nova identidade se tornou permanente, mesmo na ausência dos fatores externos que a exigiram. Fez parte desse processo casar com um polonês que tinha o mesmo nome e sobrenome (e parece que também o caráter) do oficial da Gestapo que a chantageara.

Como já ressaltaram Theodor Reik, na década de 40, e Haydée Faimberg, recentemente, a emoção da surpresa é inerente ao contato direto com o inconsciente, mesmo quando dele já temos uma previsão consciente. As sequelas traumáticas dissociativas que poderíamos esperar nessa situação não impedem o choque ao descobrirmos que Alice Miller praticou com os filhos, Martin e Julika, abusos e abandonos dignos dos piores casos que denunciava em seus escritos. Ausentou-se diante de abusos físicos e morais graves praticados pelo pai de seus filhos, deixou Martin para ser cuidado por outras pessoas desde os primeiros meses e, posteriormente, o colocou numa espécie de abrigo para crianças dos 6 aos 8 anos, a pretexto de tratar sua enurese, período durante o qual praticamente não o visitou. Com Martin já adulto, pressionou-o para fazer uma terapia que, segundo Martin, levou-o à beira do suicídio, até que ele a abandonou e descobriu que a terapeuta enviava gravações das suas sessões a sua mãe que as supervisionava.

O livro de Martin, entretanto, como já observaram alguns resenhistas, não tem o tom de ódio ou acerto de contas, e as contribuições teóricas de sua mãe são valorizadas, assim como sua terrível história.

Alice Miller passou seus últimos anos quase reclusa em sua casa no sul da França, comunicando-se com consultantes e seguidores via internet, e morreu por suicídio, ou autoeutanasia, com 87 anos, pois estava com câncer e não aceitava ajuda do filho. Avisou-o que iria se matar sem dar tempo para qualquer providência. Sua trajetória faz lembrar das palavras fatídicas da escritora irlandesa Josephine Hart, em seu romance *Damage*, sobre o destino de algumas situações traumáticas mal encaminhadas: "Pessoas lesadas são perigosas... elas sabem que podem sobreviver... e são impiedosas".

Bernard e Emmanuelle Chervet visitam a SPPA

Dr. Bernard Chervet, psiquiatra e Analista Didata, Presidente da Paris Psychoanalytic Society (SPP) e sua esposa, Emmanuelle, Analista Didata da SPP, estiveram na SPPA entre 5 e 7 de agosto. Durante três dias proferiram conferências, supervisões clínicas e oportunizaram momentos para uma conversa informal com os candidatos, com a equipe da Revista e com a comissão de Ensino da SPPA. Priorizando o tema das Pulsões, o Dr. Chervet introduziu a discussão no dia 6 sobre sua conferência O Après-coup e, no dia 7, oportunizou um debate de seu texto, muito criativo e profundo, intitulado Pulsão: você tem uma Vida?

Para o Dr. Chervet o conceito de pulsão na obra de Freud, nos três tempos de sua teorização, produziu muitas resistências. Primeiro, em nome dos valores éticos e morais, depois em nome de um risco de pansexualismo e, por fim, em nome de uma pretensa especulação filosófica. No entanto, para ele, além de sua natureza inapreensível e incognoscível, é o aspecto regrediente da pulsão a qualidade que mais oposição e resistência teria suscitado. Postula que, em resposta a essa qualidade regressiva de toda pulsão, Freud teria introduzido em 1923 um terceiro termo, o Supereu, o qual reduziria a propensão instintiva, apresentando-se como um imperativo de inscrição da libido na psique. Segundo o psicanalista francês, considerar esta regressividade permite entender a complexidade dos dois tempos do processo do après-coup, outro conceito muito estudado por ele.

Não se distanciando do tema em destaque nos encontros, a Dra. Emmanuelle proferiu conferência intitulada: Reorganização do Superego na Adolescência, onde apresenta suas ideias sobre o trabalho de atendimento em saúde mental de pré-adolescentes, valorizando a técnica de utilização de consultas terapêuticas espaçadas, incluindo os pais. Chama de consultas espaçadas porque apenas a consulta seguinte é marcada, o que, a seu ver, potencializa os efeitos do après-coup podendo lançar uma luz inesperada sobre o que estava posto num primeiro olhar. O desafio técnico é fazer com que a escuta e as intervenções do terapeuta possam manter sempre duas vias abertas: aquela que visa encaminhar-se para uma interpretação do sintoma da criança e a que permite uma expressão do infantil dos pais.

Vai ser desta gestão delicada do regime pulsional dos encontros que dependerá a evolução ou ruptura do trabalho. A dinâmica dessas consultas está ligada a transferências particulares que nelas se instalam. A série de consultas permite uma dramatização que dá espaço à criança ou ao adolescente para se liberar de seus conteúdos, provavelmente pelo simples fato de que o endereçamento dos pais ao terapeuta a libera de uma atribuição de sustentar esses deslocamentos.

Além da apresentação de trabalhos teóricos, que propiciaram debate intenso e fecundo, também foi possível conhecer de forma clara como



DIRETORIA DA SPPA COM OS CONVIDADOS (DA ESQUERDA PARA DIREITA):
Viviane Sprinz Mondrzak, Ivan Sérgio Cunha Fetter, Maria Cristina Garcia Vasconcellos, Emmanuelle,
Bernard Chervet, Anette Blaya Luz, Maria Elisabeth Ciment, Emílio Salle e Regina Pereira Klarmann

cada um trabalha a clínica, quando foram discutidos alguns casos clínicos apresentados por colegas da SPPA.

O encontro com os candidatos teve como objetivo conversarem sobre a formação psicanalítica na França e na SPPA. Peculiaridades de diferentes institutos franceses e modelos diversos foram debatidos num clima informal, estimulante e agradável, enquanto todos compartilhavam um "brunch". A atividade lotou o auditório e proporcionou a todos o desfrute da clareza e profundidade dos convidados na explanação de suas ideias. Além da simpatia e disposição de ambos, que evidenciaram também nos encontros festivos ou sociais, a marca da visita do casal Chervet foi a de troca afetuosa, descontraída e muito produtiva, deixando a todos, especialmente aos integrantes da comissão científica, grande satisfação pelo sucesso deste evento.

O conceito de pulsão na obra de Freud produziu muitas resistências. Em nome dos valores éticos e morais, do pansexualismo e de uma pretensa especulação filosófica.

SOCIEDADE
PSICANALÍTICA
DE PORTO ALEGRE



FUNDADA EM 1963

Conheça mais sobre a SPPA, os seus membros e a psicanálise visitando a homepage: www.sppa.org.br.

SOCIEDADE
PSICANALÍTICA
DE PORTO ALEGRE



SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE (SPPA)
Rua Gen. Andrade Neves, 14/802 • Porto Alegre/RS • 90010-210
(51) 3224-3340 www.sppa.org.br